

# O ESPAÇO VIRTUAL DO LAPSO

Maria Luiza Ramos  
UFMG

## RESUMO:

Este ensaio tem por objetivo analisar na obra de Raul Pompéia a recorrência de motivos que fazem convergir para o espaço virtual da escritura tanto a produção literária quanto a vida do escritor.

## PALAVRAS-CHAVE:

*Psicanálise, Crônica, Natal, Suicídio, Raul Pompéia.*

Mediadora entre a história e a ficção, a crônica é dos gêneros menos prestigiados nos estudos literários. E são também poucos os autores, como por exemplo Rubem Braga, que fizeram do jornalismo o lugar privilegiado de sua produção literária. O que geralmente se dá é que, apesar de muitos dos nossos escritores terem freqüentado os periódicos com produções desse gênero — basta lembrar a intensa atividade de cronista exercida por Carlos Drummond de Andrade — não foi por elas que se celebrizaram, mas pelos poemas, contos, romances e ensaios que porventura tenham escrito.

Tradicionalmente, a crônica toma à história o registro dos fatos, sobretudo o do cotidiano mais recente. Aliás, a própria história é que de início se narra pelos cronistas, como é o caso bastante conhecido de Fernão Lopes, a quem D. Duarte incumbiu de “poer em caronyca as estorias dos Reys que antygamente em portugal forom. Esso meesmo os grandes feytos e actos do muy vertuosso e de grãdes vertudes” — o seu Rei e Senhor, é claro, que além de criar o cargo de Cronista, lhe fazia “graça e mercê” de um pagamento anual de catorze mil réis. E nas idas e vindas dos termos a crônica assume também outras feições, pois, ao tratar de fatos atuais, ou presentificados pela recordação

e pelo desejo, o narrador se envolve, e é tal envolvimento que dá ao texto uma qualidade lírica, responsável pelo tom poético e pelo humor, que têm feito o sucesso do gênero. E que dizer da fantasia, quando o mundo é filtrado pela imaginação? Ainda que se considere gratuito falar-se hoje em fronteiras, nesta época de globalização até mesmo política e econômica, no caso da literatura, e particularmente da crônica, estas já deixaram de existir há muito tempo, ou nunca existiram de fato.

Dentre os nossos escritores, Raul Pompéia ilustra bem esta situação, pois, além de ter entrado para os cânones da literatura brasileira em função de um único romance, tendo, entretanto, escrito tantas crônicas que perfazem cinco volumes de suas *Obras*<sup>1</sup> completas, republicou muitas de suas páginas jornalísticas sob o rótulo de “conto”, ou ainda de “poema em prosa”. E o gosto pela crônica era tanto, que mesmo *O Ateneu*<sup>2</sup> ganhou o subtítulo de *Crônica de saudades*, o que assinala o pacto biográfico do autor com a obra, como já demonstramos em outra oportunidade,<sup>3</sup> apesar de o romance exibir os traços da estética em voga: personagens coletivas como hospitais, casas de pensão, e, no caso desse romance, o colégio interno; teses inspiradas pelo determinismo social e biológico; uma realidade, enfim, que se pretendia observada com distanciamento. Essa contradição é muito relevante, pois, surgindo como uma obra “naturalista”, o romance funcionou para o escritor como a *carta roubada*, de Poe, que Lacan mostrou ser um significante que, circulando à vista de todos, não provocava qualquer suspeita.

Mas o que pretendo agora é considerar a extensa coleção de crônicas, das quais um volume foi intitulado *Escritos políticos*, apesar de que, de modo geral, toda a produção jornalística de Pompéia tenha um caráter político, preocupação que levou também para o romance. Poucos escritores estiveram como ele tão marcados pelo Outro, tão penderes da vida pública, da opinião, exercendo ele mesmo o direito de opinar sobre tudo e sobre todos, uma vez que buscava atingir tanto os que estavam no poder quanto a gente do povo, participando da luta pela libertação dos escravos, pela alfabetização, pelas minorias em geral. Uma exceção foram as mulheres, que, ou eram vistas como Pandoras, portadoras de todos os males do mundo, ou como mães, adoradas em altar. Ainda assim, quando se tratava de conceder à mulher o direito de voto, o discurso era o mais reacionário, dirigido a uma minoria que devia ser *protegida*

e mantida em silêncio.<sup>4</sup>

Do mesmo modo que sofrem os textos uma mudança de classificação, passando de crônica a conto, ou de crônica a poema em prosa, também o nome do autor cede lugar a pseudônimos, distribuídos pelos vários jornais e revistas em que se exercia, até mesmo simultaneamente, e é natural que certos motivos sejam retomados repetidas vezes, dado o volume dessa produção, que cobre o espaço de muitos anos. Mas o que passarei a considerar aqui são passagens de apenas dois desses motivos recorrentes — o *suicídio* e o *Natal* — que além de caracterizarem um dado literário, imbricando-se nas malhas e nas armadilhas da memória e da escritura, como procurarei mostrar adiante, marcam a tragédia pessoal do escritor, que se matou aos trinta e dois anos, exatamente num dia de Natal.

Quanto ao suicídio, o que primeiro chama a atenção é a sua persistência ao longo da atividade literária e jornalística de Pompéia. Numa crônica de 1885, intitulada *Imprensa e suicídios*,<sup>5</sup> começa por exclamar: “Lavra entre nós a mania do suicídio! Alarma!” E com o humor, muitas vezes negro, que corresponde na expressão verbal ao seu gosto pela caricatura no desenho, passa a criticar o papel da imprensa que, pela frequência da notícia, “tira prestígio à tragédia”:

Dizem que, de tanto ler notícias de suicídios, ficam todos com vontade de provar; as terríveis linhas do noticiário abrem o apetite; gera-se a sedução sombria e, daí a pouco, estão todos a dar prejuízo às sociedades de seguro de vida.<sup>6</sup>

Mas logo em seguida, o tom zombeteiro cede lugar a reflexões mais sérias:

Porque o suicídio vem depois da notícia, a notícia provocou o suicídio? Não senhores! é preciso estudar profundamente o estímulo ocasional dos fatos. A notícia do suicídio influirá poderosamente sobre o maníaco que possuir já a predisposição para receber essa influência. Em geral, *a imitação nasce da semelhança do caráter do modelo com o caráter do imitador, que verdadeiramente repete, não imita.*<sup>7</sup> (A ênfase, nesta e em próximas citações, é minha.)

4. Cf. Op. cit., Vol.IX. p.195.

5. Op. cit., Vol.VII.

6. Idem, p.31.

7. Idem, p.32.

1. POMPÉIA, 1981.

2. Op. cit., Vol.II.

3. RAMOS, 1993. p.30.

Em outra crônica, de setembro de 89,<sup>8</sup> em meio a assuntos diversos — inclusive o duelo entre Olavo Bilac e Pardal Mallet, tratado com muito humor, se lê:

A crônica romanesca teve a sua contribuição razoável esta semana: diversos suicídios e um duelo. Os suicídios já não merecem, entre nós, as honras de cousa extraordinária. Se a energia de matar-se é uma prova de vigor moral, o Rio de Janeiro está na primeira plana, como um centro social de convivência de fortes; se é um desvairamento de almas degeneradas, não haverá muitas capitais que lhe possam pedir meças, nesta questão de parecer um desdobramento trágico de hospício. *Temos suicídio quotidianamente, de todas as formas, por todos os motivos. O mais curioso desta semana foi o de um padre espanhol*”<sup>9</sup>

Em janeiro de 1890, ao comentar, sempre com humor, que a morte, além de ser a coisa mais triste deste mundo, estava também ficando uma coisa muito cara, observa:

Como obstáculo, com efeito, à perigosa generalização da mania do suicídio, o enterro caro não deixa de ter sua utilidade. Mais de um suicida de intenção, agarrado aos cobres, deixou com certeza de se atirar à clássica desesperada resolução, *recuando ante a perspectiva, mil vezes mais espantosa que a morte*, da despesa subsequente que lhe acarretaria o tremendo passo.<sup>10</sup>

Mantendo sempre uma atitude reprovadora do auto-extermínio, Pompéia lhe dedicou, entretanto, uma página de admiração, conforme registra Eloy Pontes em *A vida inquieta de Raul Pompéia*:<sup>11</sup>

... o caso triste foi um caso de suicídio, *esta monstruosa extravagância de uns absurdos sujeitos que pensam, na maioria, que desfeiteiam a sociedade jogando-lhe à cara o próprio cadáver*. O suicídio desta semana não foi um desses estúpidos escândalos de vaidade em desespero.(...)

8. Op.cit., Vol. VI.

9. Idem, p.296.

10. Op. cit., Vol.VII, p.251.

11. PONTES, 1935.

Foi um nobre suicídio de amor materno.<sup>12</sup>

E justificando o gesto, demorou-se em pormenores:

uniu ao peito um sapatinho, algumas roupas do filho querido, que pareciam comunicar-lhe ainda o calor do pequenino corpo que não mais abraçaria, galgou uma cadeira, deixou-se pender do nó corredio de um braço. Eis um final quase consolador.<sup>13</sup>

Mas eu disse há pouco que o motivo do suicídio era recorrente não só nas crônicas, como também na produção propriamente ficcional de Raul Pompéia. Reporto-me, pois, à análise que fiz das personagens de *O Ateneu*, em meu primeiro estudo sobre o romance:<sup>14</sup> o menino Franco adoece em razão de ter permanecido vários dias de castigo num porão insalubre. Mas esconde o seu mal, reservando-o como arma, a única de que poderia dispor para ferir, de uma só vez, os colegas, os inspetores, Aristarco, “todos os seus algozes.” Expondo-se de propósito, diz ele que “havia de adoecer, havia de adoecer gravemente para que tivessem remorsos.”<sup>15</sup>

Tal atitude, no espaço ficcional, vem a ter objetivo idêntico ao da mulher que se vinga dos que lhe tiraram a criança, agredindo-os com a sua própria morte. E é idêntica, também, à atitude do romancista, que se suicida com um tiro no coração, após escrever um bilhete em que declarava, à *Notícia* e ao Brasil, que era um homem de honra. E a morte teve o seu efeito, pois, como registra Eloy Pontes, Olavo Bilac, um dos autores das críticas, escrevia dias depois em uma crônica: “qualquer um de nós juraria, sem hesitar, na sua honra, no seu brio, na sua coragem e no seu valor.”<sup>16</sup>

Esse trágico acidente configura a *passagem ao ato* — momento em que o indivíduo deixa o plano da representação e passa ao ato propriamente dito, quase sempre um ato violento, de hetero ou auto-agressividade, que pode compreender, portanto, um assassinato ou um suicídio. A psicanálise convencionou a expressão *acting out*,<sup>17</sup> cujas conseqüências se estendem também

12. Idem, p.313.

13. Ibidem

14. RAMOS, 1957. p. 123.

15. Op. cit., Vol. II, p. 238.

16. Op. cit., p.201.

17. Cf.LAPLANCHE e PONTALIS, 1976. p.27.

a situações menos radicais, ligadas comumente ao problema da transferência. De qualquer forma, se tal comportamento reflete na maioria das vezes uma tentativa de ruptura da relação analítica, no caso de Pompéia a ruptura foi definitiva, pois a literatura — essa via mesma da escritura — se lhe afigurava fechada.

O jornal que, talvez por um desses contratemplos freqüentes em editoração, deixara de publicar um artigo que Pompéia lhe enviava como de costume, foi ao mesmo tempo pretexto e instrumento. Sentindo-se desonrado pela zombaria de colegas ilustres, através de insinuações públicas sobre o seu comportamento sexual, e sentindo-se rejeitado a ponto de achar que mesmo os amigos não queriam cumprimentá-lo na rua, o escritor recebeu como um *complot* contra ele a rejeição da imprensa que, nos seus hábitos de *dandy* solitário, constituía o seu universo transferencial. Joyce McDougall, ao considerar alegoricamente a patologia de seus clientes numa dramaturgia do *eu*, desenvolve o pensamento de Winnicott,<sup>18</sup> chamando de “*teatro transicional*” ao comportamento do adulto que não pode prescindir da manipulação do Outro, aquele para quem o “eu sou” depende da sujeição de alguém — modalidade de adição como a que se verifica com a bebida ou uma droga qualquer.<sup>19</sup> E estendendo por minha vez esse conceito,<sup>20</sup> mostrei como pode ser vista também como adição a compulsão à escrita, apontada pelos próprios escritores como “necessidade”, como “vício” e mesmo como uma “doença”. Se a perda da honra teria constituído para Pompéia a perda do *objeto libidinoso*, sem o qual o indivíduo não consegue viver,<sup>21</sup> a escritura ocuparia o objeto *transicional*, igualmente necessário à sua sobrevivência.

O suicídio de Pompéia chocou ainda mais o país por ter ocorrido num dia de Natal. E não constitui certamente nenhuma coincidência o fato de ser o Natal outro dos motivos recorrentes na obra de Raul Pompéia, estabelecendo assim um vínculo entre a sua escritura e a sua história pessoal.

Em 1883 publicara *Durante a noute...* “Conto de Natal”<sup>22</sup> em que, em meio à excitação dos preparativos, um menino se depara com outro tipo de excitação em casa, por causa da “doença” da mãe. Afinal, esta resulta no

nascimento de um irmãozinho, e o que chama a atenção nesse texto é que um dado sintático e uma associação de idéias contradizem o propósito de amor expresso no último parágrafo, em que o menino

avaliava já como *não* amaria o delicioso maninho que lhe viera do céu, como o presente que ganhara no ano anterior: *um feroz Polichinelo de olhar embirante e nariz adunco*<sup>23</sup>.

Outro Natal está num conto de janeiro de 86, e o clima é de frustração:

Para nós, que não temos inverno nem tradições, o Natal passa despercebido e dezembro acaba, como os outros meses, farto de primavera perpétua e, como os outros meses, preocupado simplesmente pelas enfadonhas banalidades da vida cotidiana. *Nem alegrias infantis no lar, nem a melancólica poética do inverno para cercar o quadro*.<sup>24</sup>

Em 1888, ano da publicação de *O Ateneu*, esta crônica mordaz:

O Natal, que é a festa do frio nos países europeus e que se festeja no conchego do lar e das roupas espessas, *tivemo-lo que aturar* em um dia terrível de 40 graus centígrados.<sup>25</sup>

E prosseguindo o paralelo desfavorável:

neste mesmo tempo os nossos pobres pequenos, sem os contos infantis, sem as tradições populares do inverno, sem as árvores de Natal, idiotizados pela estupidez hereditária dos costumes, deixam-se ficar em uma cadeira, olhar imóvel, desanimados e involuntários, esperando que os acabe de tostar o fogo lento do clima, imaginando às vezes, vagamente, *com uma bala do parto na boca e dois dedos pegando a bala*, a magnífica probabilidade de limpar os dedos em uma bela calça escrupulosa.<sup>26</sup>

18. WINNICOTT, 1991, p.215.

19. McDOUGALL, 1982, p.54.

20. RAMOS, 1994, p.39.

21. Idem, 1957. p.27.

22. Op. cit., Vol.III.

23. Idem, p. 144.

24. Idem, p. 159.

25. Idem, Vol.VI. p.129

26. Idem, p.130.

Mais adiante, o mesmo desdém:

No dia 25, a festa em que me achei foi a de corridas do *Club Guanabareense*.<sup>27</sup>

Porque me causou estranheza aquela referência a “bala do parto”, procurei em dicionários algum registro de termo composto, ou em *bala*, ou em *parto*, que justificasse o emprego da expressão, e até mesmo em livros de receitas dos mais antigos ao meu alcance. Não encontrei nada entretanto, o que, pelo contexto que vimos analisando, me levou a considerar aí uma armadilha da memória: o tom negativo do nascimento de um irmão, em texto de cinco anos atrás, desloca-se para outros natais, condensando-se assim a insatisfação. Quero observar que não importa que Pompéia tenha tido, ou não, um irmão nascido exatamente em algum dia de Natal. O acontecimento é narrado num texto de ficção. Mas o fato de o escritor tê-lo revivido numa crônica, em meio a outros eventos do dia a dia, e tanto tempo depois, aponta para o *lapso*, donde o caráter de *não senso* proveniente de uma deformada percepção do tempo e do espaço.

A propósito, reporto-me aqui a um trabalho que escrevi sobre os *Diários* de Geraldo Araújo Fernandes — o “Geraldo-Boi” da Faculdade de Filosofia dos anos sessenta, que inspirou a Fernando Sabino o romance *O grande Mentecapto* — para mostrar como se deu aí um semelhante processo de percepção deformada da realidade. Refere-se ele ao pai, com o qual muitas vezes se identifica, recusando-se, entretanto, a tal identificação. Veja-se como se soluciona no lapso a contradição:

Tenho compaixão de meu pai e peço a Deus lhe dê Saúde. Tomara que ele ganhe dinheiro de sobra para comprar tudo de que precisa, principalmente remédios. Deus permita que *ele sinto* ainda muitas alegrias e me dispense de ser inquilino forçado de sua família.<sup>28</sup>

Parece erro tipográfico, mas trata-se na verdade de um manuscrito, onde a grafia é bastante clara. Do mesmo modo, no texto de Pompéia, à primeira vista parece ter ocorrido um desses empastelamentos tipográficos, pois aquela referência a *parto* nada tem a ver com a narrativa em questão, uma vez que o nascimento de Jesus é sempre considerado de uma perspectiva espiritual.

27. *Ibidem*.

28. RAMOS, 1987, p.40.

Somente o conhecimento dos textos anteriores confere sentido ao discurso, por constituírem estes, de fato, o seu contexto.

Assim, a rejeição provocada por ocasião de um nascimento evocado no espaço ficcional, e relacionado com a doença da mãe, vem a ser a mesma experimentada a propósito de outros nascimentos ou natais, e essa vivência inconsciente é que se atualiza no lapso, que, ao contrário do que geralmente se supõe, não é apenas uma prerrogativa da fala.

Se nos lembrarmos de que a esse sempre negativo *background* natalino vem somar-se aquele profundo sentimento de rejeição de que há pouco falávamos — rejeição quer por parte de uns poucos amigos com quem julgava não poder mais conversar, quer por parte do imenso interlocutor constituído pelo jornal, e, o que é por certo o mais importante, por parte dele mesmo diante do que não aceitava encarar, vemos delinear-se o trágico cenário em que tiveram fim tanto a obra quanto a vida do escritor.

Crônica ou conto — registro de fatos ou ficção — isto afinal não faz diferença no espaço virtual do lapso, como também não se diferenciam representação e *acting out* no espaço virtual em que o recalcado emerge, ou nascimento e morte, no espaço virtual da existência humana.

### RÉSUMÉ:

Cet essai a pour but d'analyser dans l'oeuvre de Raul Pompéia la réitération des motifs qui font converger vers l'espace virtuel de l'écriture la production littéraire aussi bien que la vie de l'écrivain.

### MOTS-CLÉS:

Psychanalyse, Chronique, Noël, Suicide, Raul Pompéia.

# OS SERTÕES: A NAÇÃO FICCIONALIZADA

Maria Zilda Ferreira Cury  
UFMG

O nosso Conselheiro disse que aqueles que não vierem para cá se perderão, pois agora chegou a hora do Salvador.(...) a destruição dos republicanos já começou e por cinco léguas não há uma só casa que o Conselheiro tenha mandado derrubar que ainda esteja em pé. Não se arrisque sem necessidade...

(Carta de Antônio José Lisboa  
ao Sr. Venceslau Dutra)

## RESUMO:

*Os Sertões, de Euclides da Cunha é um dos livros considerados como uma referência na Literatura Brasileira, organizando ficcionalmente elementos poderosos do meio social e profundos sentimentos de nossa cultura.*

*Apesar disso, é um livro que paradoxalmente nos apresenta a face dilacerada da nação.*

*Este texto coloca a questão do sucesso contemporâneo alcançado pelo livro.*

## PALAVRAS-CHAVE:

*Modernização na América Latina, Canudos, Euclides da Cunha, Nação.*

Modernização é uma palavra de significado vazio. Especialmente na América Latina, com sua tradição política autoritária, os processos de modernização, mesmo quando representam algum avanço social, são frequentemente preenchidos com um sentido concebido autoritariamente, de cima para baixo. Esse é um ponto que recorre, inclusive, quando se olham as conquistas do mundo atual, marcado pela globalização e pelo multiculturalismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.-B., *Vocabulário da psicanálise*. Lisboa: Moraes editores, 1976.  
McDOUGALL, Joyce, *Théâtres du Je*. Paris, Gallimard, 1982.  
POMPEIA, Raul. *Obras*. Afrônio Coutinho (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/OLAC/ FENAME, Vol. I. 1981.  
\_\_\_\_\_. Vol. II. *O Ateneu*. 1981.  
\_\_\_\_\_. Vol. III. *Contos*. 1981.  
\_\_\_\_\_. Vol. IX. *Crônicas 4*. 1983.  
\_\_\_\_\_. Vol. VI. *Crônicas 1*. 1982.  
\_\_\_\_\_. Vol. VII. *Crônicas 2*. 1983.  
PONTES, Eloy. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Edidtor, 1935.  
RAMOS, Maria Luiza. Documento e fantasma em O Ateneu. *Ensaios de semiótica FALE/UFMG*, Belo Horizonte: n.26 1993.  
\_\_\_\_\_. *Psicologia e estética de Raul Pompéia*. Belo Horizonte: ed.pr., 1957.  
\_\_\_\_\_. *Psicose e ficção. Anais - 1ª e 2ª Simpósios de Literatura Comparada*. FALE/UFMG, Belo Horizonte: v.1, 1987.  
\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre os estudos literários. Revista de Estudos de Literatura*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1994.  
WINNICOTT, D.W. *Holding e interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.